

A Disposição Fundamental da Angústia Como Abertura Privilegiada da Pre-sença - Martin Heidegger –¹ e a cura pelo caminho da cruz – Justino de Roma.

Era no tempo em que reinava,
com sua devoção, Justino o velho,
e em que, pia cidade, Alexandria
detestava os míseros idólatras.

Konstantinos Kaváfis

Heidegger apresenta, no parágrafo 40 de *Ser e Tempo*, um problema, dentro do problema maior de explicar o ser, nos seguintes termos: “É uma possibilidade ontológica da pre-sença que deverá ‘descortinar o horizonte` ôntico e explicar a própria pre-sença como ente. Todo descortinar só é possível dentro da abertura constitutiva da pre-sença. E esta se baseia na disposição e na compreensão. Em que medida a angústia é uma disposição privilegiada? Será de fato que, na angústia, a pre-sença se coloca diante de si mesma a partir de seu próprio ser, a ponto de, numa perspectiva fenomenológica, o ente revelado na angústia chegar a se determinar em seu ser ou, ao menos, poder preparar adequadamente uma tal determinação?”.

A dificuldade da resposta, se é que existe, está exatamente de tornar demonstrável algo já dado que apenas se revela, isto é, desvela o já existente e inerente ao ente. O ser humano ao ser lançado no mundo, sem a sua participação, nu, inicia o seu processo de angústia. O Dasein, o próprio ser do sujeito existente,

¹ Martin HEIDEGGER, *Ser e Tempo*, Parte I, sexto cap., pp. 247-254.

conforme Heidegger é o objeto sobre o qual recai a inquietação. Esse *estar-aí* concreto, singular e inacabado, instável, tem consciência de que pode ser sempre mais, que é potência, aristotelicamente falando, mas que não basta a si mesmo. Não é ato. É projeto, possibilidade, salto no abismo²

A angústia do Dasein se instala na pre-sença diante do mundo, na indeterminação, na solidão de si mesmo. A angústia, segundo Heidegger, singulariza e abre a pre-sença como *solus ipse*.

Heidegger diz que poucos sentem a angústia, uma vez que muitas vezes a descrevem como um fenômeno específico, como fizeram Agostinho e Lutero que a relacionaram com o pecado. Estariam, portanto, Agostinho e Lutero equivocados, ao descreverem a angústia como um fenômeno específico, como faz crer Heidegger?

Jesus Cristo sentiu-se angustiado, até o ponto em que seu suor se converteu em gotas de sangue que lhe rolaram pelo rosto, quando estava na iminência de ser crucificado³, e nele não havia nenhum pecado, consoante as Escrituras⁴. Neste ponto, estaria Heidegger com a razão, porquanto não se podia relacionar a angústia de Jesus com nenhum pecado seu. Contudo, conforme ainda as Escrituras, carregou sobre si todos os pecados da humanidade⁵, isto é,

² Análise semelhante de Constança Marcondes CÉSAR, in "A crítica da modernidade em Vattimo", p. 29).

³ Marcos 14, 35-36; João 12,27 e Lucas 22,44.

⁴ Primeira Carta de Pedro 2,22

⁵ Isaias 53,4-12

em palavras simples, pode ser dito que pagou na cruz a dívida (=queda)⁶ pendente por todos, razão por que foi humilhado e crucificado.

Neste aspecto, Agostinho e Lutero – este seguindo aquele –, fizeram análise semelhante e existencial sobre a angústia do ser, justificando-a em razão do pecado, que, neste caso, é também ontológica e afeta a própria estrutura do ser, considerando-se o disposto no Gênesis sobre a *queda do homem*.

O filósofo Justino, em seu Diálogo com Trifão – que, por uma interpretação errônea das Escrituras, esperava um Cristo glorioso e guerreiro nos moldes humanos – responde, com base nas Escrituras, sobre a necessidade da cruz e da cura paradoxal pelo próprio sofrimento do Cristo, assim:

Eu lhe respondi:

— Senhor, se as Escrituras que vos citei não dissessem que sua figura era sem glória e sua geração é inexplicável, que por sua morte os ricos serão entregues à morte, que por suas feridas nós somos curados e que devia ser conduzido como ovelha; se, por outro lado, eu tivesse distinguido duas vindas dele: uma em que foi transpassado por vós; outra em que reconheceréis a quem transpassastes e vossas tribos baterão no peito, tribo por tribo, as mulheres de um lado e os homens de outro; então, o que digo poderia parecer obscuro e difícil. Contudo, em todos os meus raciocínios eu parto das Escrituras proféticas, que são santas para vós, e apoiado nelas eu vos apresento as minhas demonstrações, esperando que alguém de vós possa encontrar-se no número dos que foram reservados, pela graça do Senhor dos exércitos, para a eterna salvação.⁷

Justino, portanto, usa as próprias Escrituras, objeto de crença por Trifão, para demonstrar-lhe que a angústia de Jesus, o Cristo, era a soma de todas as angústias dos seres humanos, e, paradoxalmente, pelas suas feridas todos

⁶ João 1,29: “...Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo!”. Cordeiro de Deus, isto é, providenciado por Deus (cf. Gn. 22.8; Rom. 8:32).

⁷ Justino, Mártir, Santo Justino de Roma: *I e II Apologias: diálogo com Trifão*, p. 156

pudessem, querendo, ser curados. Vale dizer: a morte do Cristo na cruz, não obstante a aparente derrota, constitui-se, verdadeiramente, em vitória, porquanto cura definitiva do ser que, da queda, levanta-se para a vida eterna com Deus, através do Cristo⁸.

Gianni Vattimo, ao lembrar da ligação que faz Heidegger em *Ser e Tempo* entre o fato de existir e a experiência existencial da angústia, diz que:

No parágrafo 40 de *Ser e o Tempo* a angústia é descrita como o estado emotivo que o existir (isto é, o homem) vive quando é colocado perante o facto nu de ser lançado no mundo. Enquanto que as coisas singulares pertencem ao mundo uma vez que se inserem numa rede de correspondências, de significações (cada coisa é remetida para outras, como efeito, como causa, como instrumento, como sinal, etc.), o mundo como tal, no seu conjunto, não tem correspondências, é insignificante; a angústia regista esta insignificância, a gratuidade total do facto do mundo existir. A experiência da angústia é uma experiência de ‘desenraizamento’ (de *Um-heimlichkeit*, de *Um-zu-Hause-sein*).⁹

O salmista Davi registrou o seu temor pelo *desenraizamento* de forma angustiante diante de Deus:

(...) Deus meu, eu clamo de dia, e tu não me ouves; de noite, e não tenho sossego (...). Sobre ti fui lançado desde a madre; tu és o meu Deus desde o ventre de minha mãe. Não te alongues de mim, pois a angústia está perto, e não há quem ajude.¹⁰

Vale dizer, ser-no-mundo é *estar* e não *pertencer* ao mundo. É não se sentir em casa como diz o próprio Heidegger, quando se refere à estranheza na angústia. “Na angústia se está *estranho*”. Eis a pre-sença na angústia. A tempestade do ser.

⁸ Vitória que se concretizou na ressurreição de Jesus Cristo, cf. estrofes de meu poema *O Salvador*: Por ti teve morte de cruz./Não como um espetáculo teatral/ mas para que recebas a luz.// Ah! Como obterias a vida eternal/ se Jesus no túmulo ficasse? Seria o final..., “Balé do espírito”, p. 91.

⁹ Gianni VATTIMO, *A Sociedade Transparente*, p. 56.

¹⁰ Salmos 22:2, 10,11 (os grifos são meus).

E Hölderlin diz em versos:

O QUE É A VIDA DOS HOMENS?...

O que é a vida dos homens? imagem da divindade
 Enquanto sob o céu erram os seres terrenos todos, eles
 Vêm-no. Mas como se lessem
 Num escrito, os homens imitam a infinidade
 E a riqueza. E o céu simples
 Rico então? Como flores são em verdade
 Nuvens argêntas. Mas de lá chove
 O orgulho e o relâmpago. Quando porém
 Se apaga o azul simples, parece
 O baço do céu, que se assemelha ao mármore, como minério,
 Anúncio de riqueza¹¹.

Estes versos dão nomes diferentes para uma mesma coisa: a angústia do ser. Justino, à pergunta: “Qual é a verdadeira e proveitosa filosofia” no seu diálogo filosófico com o judeu Trifão, indica o caminho para a compreensão da angústia sob o prisma heideggeriano:

(...), senti imediatamente que se acendiam um fogo em minha alma e se apoderava de mim o amor pelos profetas e por aqueles homens amigos de Cristo. Refletindo comigo mesmo sobre os raciocínios do ancião, cheguei à conclusão de que somente essa é a filosofia segura e proveitosa.¹²

¹¹ Friedrich HÖLDERLIN, *Poemas*, p. 457.

“Was is der Menschen Leben? ein Bild der Gottheit. /Wie unter dem Himmel wandeln die Irdischen alle, sehen /Sie diesen. Lesend aber gleichsam, wie /In einer Schrift, die Unendlichkeit nachahmen und den Reichtum //Menschen. Ist der einfältige Himmel /Denn reich? Wie Blüten sind ja /Silberne Wolken. Es regent aber von daher /Der Tau und das Feuchte. Wenn aber /Das Blau ist ausgelöschet, das Einfältige, scheint /Das Matte, das dem Marmelstein gleicht, wie Erz, /Anzeige des Reichtums.”

¹² Justino, Mártir, Santo Justino de Roma: *I e II Apologias: diálogo com Trifão*, p. 122.

Justino, em todo o diálogo com Trifão, demonstra a sua fé e esperança no Cristo, razão suficiente e única para resolver a sua angústia de ser no sentido proposto por Heidegger e demonstrado singelamente neste trabalho.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

01. **CÉSAR**, Constança Marcondes. *A Crítica da Modernidade em Vátimo*. Trabalho não publicado, Campinas: 2002.
02. **HEIDEGGER**, Martin. *Ser e Tempo*, Parte I, sexto capítulo. (Tradução de Márcia de Sá Cavalcanti). Petrópolis: Editora Vozes, 1988.
03. **HÖLDERLIN**, Johann Christian Friedrich. *Poemas*. (Prefácio, selecção e tradução de Paulo Quintela – edição bilíngüe). Lisboa: Relógio D'Água Editores, 1991.
04. **JUSTINO**, Mártir, Santo Justino de Roma. *I e II Apologias: diálogo com Trifão* / (Introdução e notas Roque Frangiotti; tradução Ivo Storniolo, Euclides M. Balancin), 2^a edição. São Paulo: Paulus, 1995.
05. **KAVÁFIS**, Konstantinos. *Poemas*. (Tradução de José Paulo Paes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.
06. **MENDES**, Juscelino Vieira. *Balé do espírito*. Editora Komedi, 1999.
07. **SOUZA NETTO**, Francisco Benjamin de. Apontamentos de aula.
08. **VÁTTIMO**, Gianni. *A Sociedade Transparente*. (Tradução de Hossein Shooja e Isabel Santos). Lisboa: Relógio D'Água, 1992.